

OS JOVENS DE ENSINO MÉDIO E SUAS MANIFESTAÇÕES “NEOTRIBAIS” EM UM EVENTO ESPORTIVO/CULTURAL

YOUTH OF SECONDARY EDUCATION AND YOUR DEMONSTRATIONS "NEOTRIBAIS" IN A SPORTING/CULTURAL EVENT

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho
gabrielcarv@msn.com
UFG - Universidade Federal de Goiás

ALMEIDA, Felipe Quintão de
fqalmeida@hotmail.com
UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO O objetivo deste artigo é entender a relação que os jovens frequentadores do ensino médio possuem com as práticas corporais realizadas no seio das instituições escolares. Para tal, analisou-se um evento esportivo/cultural ofertado para alunos do ensino médio, realizado pela Secretaria de Educação do Espírito Santo (Sedu). Foi feita uma pesquisa de campo no evento, produzido na cidade de Guarapari, assim como, também, foram realizadas observações e entrevistas com jovens participantes. Por fim, com a ajuda dos pensamentos do sociólogo Michel Maffesoli, conclui-se que os jovens assumem diferentes relações com as práticas corporais e com os outros jovens, a fim de usufruir ao máximo todos os momentos, sejam esses esportivos e/ou culturais.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude. Michel Maffesoli. Práticas corporais.

ABSTRACT The aim of this paper was to understand the relationship that young people attending high school weave with bodily practices conducted within educational institutions. For this, this paper is to analyze a sports / cultural event for high school students, conducted by the Education Department of the Holy Spirit (Sedu). To this end, followed up the event, which was held in the city of Guarapari, as well as observations and interviews with youth participants were also performed. Finally, with the help of the thoughts of Michel Meffesoli, it is concluded that young people take different relationships with the event and with other young people to make the most of every moment, these are sporting and / or cultural.

KEYWORDS: Youth. Michel Maffesoli. Body Practices.

1 INTRODUÇÃO

Interessa para o presente artigo analisar um evento esportivo/cultural voltado para alunos do ensino médio e entender a relação que esses jovens possuem com

as práticas corporais realizadas nesse evento¹. Acreditamos que o termo prática corporal, quando analisado sob o ponto de vista das concepções do corpo, saúde, ciência e cuidado, remetem ao que Carvalho (2006) chama de “modos de viver”. Para a autora, as práticas corporais são componentes da cultura corporal dos povos e dizem respeito ao ser humano em movimento, a sua gestualidade e seus modos de se expressar corporalmente.

Cachorro et al. (2010) reconhecem que o campo das práticas e dos saberes corporais ainda são, como objetos de estudos, pouco explorados, principalmente pela disciplina de Educação Física. Os autores dizem (2010, p. 45) que: “Son sitios donde se pueden construir y sistematizar la reformulación de nuevas prácticas y saberes producidas por la capacidad generativa incesante, del cuerpo y la cultura en la ciudad”². Um evento esportivo/cultural parece ser onde as práticas corporais convivem em intensa relação com grupos específicos, ou seja, importante lugar de exploração. É interessante deixar claro que a tentativa de exploração das práticas corporais no evento pesquisado será, fundamentalmente, pautada pelos pensamentos do sociólogo francês Michel Maffesoli. No campo da Educação (Física), muitos pensadores se debruçam sobre o tema, no entanto, acreditamos que utilizar um sociólogo pouco discutido no debate pode ser uma aposta nova e geradora de diferentes olhares.

Dayrell, Leão e Reis (2007), ao analisarem programas e ações envolvendo a juventude, observaram que, em sua maioria, essas são de cunho educativo, voltadas para a formação da cidadania e do sujeito por meio de conteúdos artísticos e culturais. O evento esportivo/cultural observado nesse artigo é denominado de “Jogos na Rede e Cultura em Rede”. A análise foi feita por meio de observações e entrevistas dos jovens alunos: que foram realizadas no ano de 2011 durante cinco dias na cidade de Guarapari com a participação de várias escolas estaduais de ensino médio de diferentes regiões do Espírito Santo.

¹ Este artigo trata-se de uma versão ampliada do texto “A análise de um evento esportivo/cultural para os jovens de ensino médio: um olhar a partir do sociólogo Michel Maffesoli” publicado nos anais do IV Congresso Sudeste de Ciências do Esporte realizado em setembro de 2012.

² Tradução: “São lugares onde se podem construir e sistematizar a reformulação de novas práticas e saberes produzidos pela capacidade de produção incessante do corpo e da cultura na cidade” (CACHORRO; et al., 2010, p. 45).

As ferramentas utilizadas, nesse momento, foram: entrevistas com jovens, uso de câmera digital para registro fotográfico e a técnica de observação participante. A entrevista não-estruturada se configura por ser uma entrevista na qual o entrevistador se apoia em vários temas e, talvez, em algumas perguntas iniciais, previstas antecipadamente, para improvisar, em seguida, suas outras questões em função de suas intenções e das respostas obtidas de seu interlocutor (LAVILLE; DIONNE, 2008).

A decisão para a análise, então, foi a de se concentrar nas escolas situadas na cidade de Vitória (por ser a capital do ES) e que participaram do evento. Assim, para melhor compreensão, num primeiro momento desse artigo, se fez uma caracterização das escolas estaduais de ensino médio situadas na capital e, posteriormente, das escolas que participaram do evento “Jogos na Rede e Cultura em Rede”. Num segundo momento, realizamos a descrição dos dois programas oferecidos aos jovens do ensino médio, quais sejam: o “Esporte na escola” (que fundamenta os “Jogos na Rede”) e o “Cultura na escola” (que dá sustentação para o “Cultura em Rede”, que ocorre nos intervalos do “Jogos na Rede”). Após isso, apresentamos a teoria do sociólogo Michel Maffesoli e fazemos uma pequena caracterização de como o evento se desenvolveu. Por fim, discutimos a relação, tomando como base as reflexões do sociólogo francês, que a cultura jovem mantém com as práticas corporais e com esses programas (e o evento) ofertados pelo universo escolar.

2 AS ESCOLAS ESTADUAIS DE VITÓRIA/ES E OS PROGRAMAS “ESPORTE NA ESCOLA” E “CULTURA NA ESCOLA”

Vitória, sendo a capital do Espírito Santo, possui grande diversidade social, econômica e cultural. De acordo com o site da Secretaria de Educação do Espírito Santo (Sedu), quando considerado o total de escolas localizadas na cidade de Vitória, existem treze colégios de ensino médio da rede estadual. Essas escolas estão situadas em diferentes bairros. As escolas, suas localidades e seus alunos estão alocados da seguinte maneira:

TABELA 1 – LOCALIDADE DAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO E SEUS ALUNOS

Escola de Ensino Médio	Localidade (Bairro)	Número de alunos
Aflordízio Carvalho da Silva	Maruípe	736
Almirante Barroso	Goiabeiras	732
Des Carlos Xavier Pais Barreto	Praia do Suá	339
Gomes Cardim	Bairro Centro	194
Hildebrando Lucas	Maruípe	210
Irmã Maria Horta	Praia do Canto	1.112
Major Alfredo Pedro Rabaioli	Mario Cypreste	578
Maria Ortiz	Bairro Centro	814
Arnulpho Mathos	Bairro República	1.291
Colégio Estadual do Espírito Santo	Forte São João	1.769
Elza Lemos Andreatta	Ilha das Caieiras	869
Prof. Fernando Duarte Rabelo	Praia de Santa Helena	1.062
Renato José da Costa Pacheco	Jardim Camburi	1.018

Fonte: Quadro elaborado pelos autores, a partir de dados disponíveis no site da Secretária da Educação do Espírito Santo, em 2011.

Das treze escolas da capital apenas duas não participaram do programa “Esporte na escola” e do evento “Jogos na Rede”, que são: a escola estadual de ensino fundamental e médio (EEEFM) Maria Ortiz e a EEFM Hildebrando Lucas. Seis escolas da cidade de Vitória participaram do programa “Cultura na escola”. A EEEFM Gomes Cardim (Coral), EEEFM Irmã Maria Horta (Coral), EEEM Arnulpho Mattos (Coral), EEEM do Espírito Santo (Banda), EEEM Prof. Fernando Duarte Rabelo (Pólo violão) e EEEM Prof. José Renato da Costa Pacheco (coral). A etapa final dos jogos ocorreu no Sesc de Guarapari e contou com a presença de quatro escolas da cidade de Vitória, que foram: o Colégio Estadual do Espírito Santo (Voleibol feminino e masculino), Professor Fernando Duarte Rabelo (Handebol masculino), Renato José Costa Pacheco (Futsal masculino) e Arnulpho Mattos (basquete masculino).

Antes de focar nas quatro escolas que foram para o evento representando a cidade de Vitória, analisamos os dois programas ofertados pela Sedu com o intuito de buscar uma maior compreensão acerca da relação construída entre a escola e a

juventude por meio do evento ofertado. Para conhecer os programas que a Sedu oferta aos jovens de ensino médio, buscamos informações em seu site e também no Currículo Básico Comum (CBC), que orienta as escolas estaduais. A Sedu disponibiliza sete projetos (programas) para o nível médio de ensino: o programa “Mais tempo na escola” (reorganiza o espaço e o tempo escolar, oportunizando a aprendizagem e o conhecimento de atividades, como Matemática, Língua Portuguesa e Ciências); o programa “Leia Espírito Santo” (promove incentivos para a leitura e a pesquisa na escola, com destaque para a revitalização das bibliotecas nas escolas); o programa “Ciência na escola” (visa ao fortalecimento do ensino das ciências, com a instalação de laboratórios de Física, Química e Biologia, superando as formas tradicionais de aprender conceitos); o programa “Sala de aula digital” (procura atender as escolas estaduais com alta tecnologia a fim de auxiliar nas aprendizagens pedagógicas); o programa “Ler, escrever e contar” (proporciona para a criança o conhecimento da leitura, da escrita e da Matemática, como diferentes atividades sócio-culturais); o programa “Cultura na escola” e o programa “Esporte na escola”.

Aqui, interessam os programas “Esporte na escola” e “Cultura na escola”. É importante apresentar esses dois programas (Cultura na escola e Esporte na escola) porque, como visto acima, eles se propõem a contribuir com as práticas corporais juvenis que estão presentes no interior do ambiente escolar (e fora dele). Para entendê-los, foi importante conhecer o novo CBC da Escola Estadual, implementado no ano de 2009 (consultado por meio do site da Sedu). Esse é um instrumento que visa a dar maior unidade ao atendimento educacional, fortalecendo a identidade da rede estadual de ensino. Na sua formulação, buscou-se superar as práticas de conhecimento construído sem o estabelecimento de uma reflexão com a práxis social.

A Educação Física, de acordo com o novo currículo, é entendida como área que aborda as atividades corporais em suas dimensões culturais, sociais e biológicas, extrapolando as questões da saúde, relacionando-se com as produções culturais que envolvem aspectos lúdicos. Essa disciplina deixa de ter como foco apenas os esportes e a aptidão física, tomando a ideia de que, de acordo com o CBC, a linguagem é produto da cultura e a comunicação é um processo cultural.

Sendo assim, a linguagem corporal, como produto da cultura, deve ser abordada com base nos temas de “cultura corporal” humana (ESPÍRITO SANTO, 2009).

A respeito da compreensão sobre a juventude, o CBC reconhece que ela deve ser pensada menos como uma etapa cronológica e mais como um processo de construção histórica. O governo do Espírito Santo (2009, p. 32), por meio do CBC do ensino médio diz que:

A juventude é marcada pela busca da diferença e originalidade, o desejo de impactar, de provocar contrastes. Marcas definidoras da existência social parecem mobilizar, de forma visível, a atenção e a tensão dos adolescentes. Organizando-se em ‘tribos’, passam a utilizar vocabulários e vestuários próprios, estilos variados, construindo, assim, sua identidade nas relações estabelecidas também e não somente na escola, mas em outras esferas sociais, como a família, a igreja e o trabalho. A juventude é um tempo marcado pela participação nos movimentos juvenis, que despertaram visões diferenciadas na sociedade, como desordeiros ou transgressores.

Os jovens são indivíduos que querem ser notados e vistos, expressando seus desejos e anseios, criando tensões entre aquilo com o que concordam e com o que não concordam. O CBC entende que o jovem no contemporâneo é influenciado pela mídia, pelo consumismo exacerbado e, também, pelo intenso apelo ao presente. No entanto, as consequências dessa configuração são assim caracterizadas:

Na contemporaneidade, a ênfase no mercado e no consumo, as questões tecnológicas e as culturas de massa têm colocado a juventude em intensa situação de vulnerabilidade, muitas vezes encurralando-a. O apelo em atender aos modelos estereotipados de comportamento, especialmente apresentados pela mídia, apontado para os adolescentes, e o consumo exacerbado não fornecem condições para que o adolescente planeje e articule ações como uma forma de superação da condição ou situação vivida (ESPÍRITO SANTO, 2009, p. 33).

Nota-se, aqui, uma visão totalmente “funcionalista” da juventude. Funcionalista porque ela vira refém daquilo que é produzido e oferecido pelo mercado de forma consumista, por meio de reprodução estereotipada. Assim, o CBC parece fortalecer o discurso de que a juventude, por viver num contexto social intensamente influenciado pelo consumo e pelo presente, necessita de cuidados especiais, cuidados esses que a escola pode ajudar a sanar. A incerteza do futuro, a sociedade de consumo e a criação de tribos, dentro da escola ou não, são percebidas pelo CBC e isso é de suma importância quando se trata de juventude

contemporânea e escola. Dai, surgem propostas traduzidas por meio dos sete programas ofertados para os jovens. Os programas, ao que tudo indicam, visam colocar a juventude no caminho “certo”, ou seja, caminho da cidadania e não o da juventude vista apenas como fase de transgressão.

Segundo o CBC, o programa “Esporte na escola” tem como objetivo desenvolver, em todas as escolas da rede estadual de ensino, programas de atividades físicas e esportivas que integrem (com a ciência e a cultura) a proposta contida no novo currículo escolar, contribuindo com a formação dos alunos e tornando a escola mais atrativa, conseguindo atender a demanda socioeducativa da sociedade contemporânea. Dizendo, ainda, que tal projeto se estrutura a partir de ações que pretendem redimensionar o processo de ensino/aprendizagem, a fim de aumentar a demanda de atividades relacionadas com a Educação Física escolar e à cultura corporal, dando ênfase ao esporte, educação e inclusão social.

Nessa diretriz, a Sedu, por considerar os encontros de sala de aula insuficientes, entendeu que esses momentos são culpados pelo abandono dos estudos por parte dos alunos (ESPÍRITO SANTO, 2009). Assim, criou os “Jogos na Rede”: um evento esportivo envolvendo alunos da rede do ensino médio, previsto nas ações do programa “Esporte na escola” e que tem por objetivo aumentar a vivência (de alunos e professores) das práticas de jogos e atividades esportivas, visando à formação do cidadão e o aperfeiçoamento do ensino do esporte para além das técnicas e táticas.

Já o programa “Cultura na escola” disponibiliza: artes visuais (cinema e exposições), música (apresentação de bandas, corais e orquestras), artes cênicas (apresentação de teatro) e semana cultural (ações desenvolvidas na escola durante o ano letivo). O programa “Cultura na escola” também é preparatório para o evento “Cultura em rede”, que acontece simultaneamente aos “Jogos na rede”. Esse programa (Cultura na escola) tem como objetivo fortalecer as diferentes atividades pedagógicas voltadas para o desenvolvimento curricular, além de promover a integração das diferentes ações culturais, buscando restaurar a cultura capixaba e programar atividades diferenciadas que proporcionem vivências de outras formas de aprendizagem, tendo a sala de aula como um espaço de problematização dos

diferentes conhecimentos, de ressignificação de conhecimentos e de produção de novos conhecimentos.

A Sedu argumenta que as ações culturais do “Jogos na Rede” devem ser realizadas sem cunho competitivo, destacando ainda que, como requisito para participar desses dois projetos, há a necessidade do aluno estar devidamente matriculado na rede estadual de ensino médio, além de apresentar frequência na sala de aula. Para a Sedu, o tratamento que o jovem necessita é aquele em que a escola está presente a todo o momento, com o intuito de auxiliar e mostrar o caminho correto para os jovens seguirem.

Após mapear as escolas situadas na capital Vitória, diagnosticar aquelas que participariam do evento e entender a sua gênese por meio dos programas supracitados, é importante apresentar, agora, qual a visão que o sociólogo Michel Maffesoli possui a respeito da sociedade atual, que o autor denomina de sociedade pós-moderna. Seus pensamentos serão de grande valia para a reflexão acerca da relação que os jovens produzem entre si e com as práticas corporais.

3 MICHEL MAFFESOLI E SEU ENTENDIMENTO DA SOCIEDADE ATUAL

Michel Maffesoli é um sociólogo francês reconhecido por suas análises acerca da sociedade pós-moderna, tendo como principal característica o conceito cunhado por ele de neotribalismo que são as novas formas de enxergar os agrupamentos sociais que estão ocorrendo no contemporâneo. Maffesoli se posiciona sobre a sociedade atual, chamada por ele de pós-modernidade. Para o sociólogo, a pós-modernidade deve ser pensada junto às metáforas da socialidade, da estética, do estar-junto e das neotribos. É pautado nas relações cotidianas que o autor irá apresentar essas metáforas como características importantes da sociedade atual em todos os seus meandros.

Sobre a era moderna, Maffesoli diz (2004) que ela foi um tempo voltado para o futuro, com grande ênfase no progresso. Tendo como características principais a socialização, o desencantamento do mundo e a razão. Já a era pós-moderna é baseada na socialidade, na imagem e no prazer.

O sociólogo francês acredita que a experiência do “Outro” é aquilo que dá base à sociedade, mesmo que essa experiência apareça de forma conflituosa. O autor dá importância ao que ele chama de fusão comunitária, em que as relações se efetivam pelo que ele denomina de relação táctil.³ Estas, para o autor, estão criando espaços especiais que se configuram como flexíveis e fortes ao mesmo tempo e que parecem estar formando um novo conhecimento social. Exemplo são as agências de informática, os encontros esportivos e musicais que delimitam um novo espírito do tempo, também, chamado por ele de socialidade.

É fundamental compreender a distinção que o autor faz entre socialidade e social (socialização). Como característica do social, Maffesoli (2010) diz que o indivíduo podia ter uma função na sociedade, convivendo enraizado a um partido ou a um grupo estável. Já na socialidade, o indivíduo daria lugar à pessoa que representa papéis nos diferentes setores sociais de que participa; assim, pautado pelos gostos, ela vai assumindo seu lugar em diferentes neotribos e grupos específicos.

Maffesoli (2010) acredita que a socialidade está na ordem do dia no contemporâneo. Ela é bem diferente da simples sociabilidade (socialização) considerada como um enfeite de importância mínima na estrutura das relações sociais. Faz sentido, para o autor, trabalhar com a ideia de estética, a fim de compreender esses fenômenos de sentimentos e experiências partilhadas que ocorrem no seio das socialidades. Entendendo que estética, para Maffesoli (2010), é a faculdade comum de sentir, de experimentar, o que importa na socialidade não é o reconhecimento em determinado projeto político; sua razão é simplesmente o presente vivido coletivamente, em grupo.

Para ele, a vida como obra não é mais assunto de alguns e, sim, um processo que contempla toda a massa, e essa estética vigente não pode ser pensada apenas como uma questão de gosto ou de conteúdo: “[...] é a forma estética pura que nos interessa: como se vive e como se exprime a sensação coletiva” (MAFFESOLI, 2010, p. 147).

³ Entendendo relação táctil como: “[...] na massa a gente se cruza, se roça, se toca, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (MAFFESOLI, 2010, p. 102).

É nessa esteira que o autor defende que estamos vivenciando um (re)nascimento das tribos. Para Maffesoli (2007), a metamorfose que vem ocorrendo no mundo social (em relação à identidade e ao individualismo) é facilmente percebida por meio da metáfora da “neotribo”. Agora, outras características ganham importância e se tornam vetor principal de análises e das relações neotribalistas: os rituais, as imagens, os gestos, os ruídos e os espaços. É daí que surgem as novas formas de se vestir, de se falar e também de se relacionar com o corpo. Tudo se mistura nessa nova formação chamada neotribalismo. Para ele, as neotribos são fluidas, possuindo alto grau de ajustamento e dispersão. Maffesoli mostra que:

O neotribalismo pós-moderno deixa mal a esse arquétipo cultural precedente, pois o ator agora é uma ‘eterna criança’ que, por seus atos, suas maneiras de ser, sua música, o ‘mis en scène’ do seu corpo, reafirma, antes de mais nada, uma fidelidade ao que é (MAFFESOLI, 2007, p. 99).

Para o autor, a máscara e a realização de papéis tem a função de integrar a pessoa dentro das diversas neotribos. Ela pode aparecer por meio de vestuário, da moda, de tatuagens e outros. Quanto mais se utiliza o recurso da máscara, mais se fortalece o grupo (ou a neotribo). Maffesoli comenta: “Ao mesmo tempo, na esfera da proximidade tribal, bem como na esfera da massa orgânica, é utilizado, cada vez mais o recurso da ‘máscara’. Quanto mais se avança mascarado, mais se fortalece o laço comunitário” (MAFFESOLI, 2010, p. 163). Para Maffesoli (2003), a máscara oportuniza a pessoa representar um papel, tributário de um conjunto, mas que, posteriormente, pode ser representado em outro conjunto diferenciado:

O presenteísmo é a sua temporalidade. Em função dela, a aparência é acentuada. O paroxismo é certamente o disfarce dos grandes momentos festivos ou, o que não está muito distante, dos diversos rituais da ‘alta costura’ [...]. É o trágico da aparência sob suas diversas modulações. Isso significa que nada dura, exceto o ‘isto desconhecido’ (MAFFESOLI, 2003, p. 118).

Feito o rápido diagnóstico do sociólogo acerca da sociedade contemporânea, acreditamos ser importante tratar, também, de como a categoria juventude se caracteriza dentro de um evento esportivo/cultural tomando como base os pensamentos do sociólogo francês.

4 O EVENTO “JOGOS NA REDE E CULTURA EM REDE”

Acompanhamos o evento durante uma semana e nesse período utilizamos algumas ferramentas como auxílio na coleta de informações. O objetivo inicial era apenas observar e realizar anotações no diário de campo. No entanto, logo no primeiro dia, percebemos que seria interessante, também, realizar entrevistas com os jovens alunos(as) participantes. Dedicamos as observações aos jovens que foram representando as escolas situadas na cidade de Vitória (Arnulpho Mattos, Colégio Estadual, Renato José da Costa Pacheco e Fernando Duarte Rabelo). Foi com esses jovens que realizamos as entrevistas (foram entrevistados sete jovens). Para as entrevistas, utilizamos um gravador de voz e as perguntas foram direcionadas ao comportamento (corporal) dos jovens, querendo saber, também, o que eles achavam do evento.

O evento final do “Jogos na Rede e Cultura em Rede” aconteceu do dia 28 de novembro ao dia dois de dezembro de 2011. Os alunos(as) envolvidos no mesmo ficaram hospedados no hotel do Sesc (onde também ocorreu o evento), na cidade de Guarapari. Na busca por analisar e observar a atividade em todos seus meandros, nos hospedamos em um hotel próximo ao local do evento. Assim, pudemos acompanhar os momentos dos jogos, de lazer e das atividades culturais. Com o crachá (dado pelos organizadores), circulamos pelo Sesc com total liberdade, sempre acompanhado de um gravador e um caderno. Em todos os dias de evento chegávamos de manhã e só saíamos à noite, após o término das atividades. O único momento em que não tivemos acesso foi o do almoço e jantar dos jovens alunos/atletas, pois esse espaço só era permitido aos participantes do evento.

No primeiro dia do evento, os estudantes foram recebidos no Sesc por diversos palhaços, que divertiram a chegada dos jovens com músicas e brincadeiras. À noite, puderam assistir ao show da orquestra jovem da Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), que tocou sucessos da música popular brasileira, empolgando os jovens e os professores no teatro. Já no segundo dia, os alunos apresentaram peças de teatro, dentre elas: “Sonhos de uma noite de verão”, “Agora a escolha é sua”, “Poetas adormecidos”, “Menestrel”, “Bumba meu boi”, “A atual barca do inferno”. Essas peças foram adaptadas pelos jovens, fazendo com que eles

pudessem discutir assuntos que permeiam o seu cotidiano, como: sexo, drogas e violência. Já os jogos aconteciam de manhã e a tarde. Durante a noite eram realizados os eventos culturais. Esses eventos culturais tinham como finalidade a participação dos alunos jovens como principais protagonistas, tornando-os, na maioria das ocasiões, os artistas e produtores culturais principais, por meio de apresentações de cinema, dança, música, pintura e teatro.

Destacamos aqueles momentos que os jovens desempenhavam seus papéis como atletas, alunos, produtores culturais e, também, momentos em que não estavam envolvidos com alguma atividade dirigida pela Sedu. Nos dias de observação, percebemos que os alunos se comportavam e se mostravam de diferentes maneiras dentro do espaço. Vale a pena lembrar que os jogos aconteciam simultaneamente em diferentes quadras. Sendo assim, nossa preocupação foi a de acompanhar, especificamente, os jogos das escolas que foram representando a cidade de Vitória.

O espaço do hotel Sesc é imenso, comportando áreas abertas e arborizadas. Dentro do prédio onde ficavam os quartos dos participantes do evento, também ficava um salão de jogos e uma sala de vídeos. Esses espaços, durante o evento, eram utilizados para distração e bate-papo, no qual os participantes de diferentes escolas se encontravam para ouvir músicas, conversar e jogar cartas. No entanto, esses espaços só eram frequentados nos horários que não aconteciam os jogos e as apresentações culturais. O centro de convenções do hotel, onde foram realizadas apresentações do “Cultura em rede”, possui quatro auditórios e seis salas de apoio. Os auditórios recebiam as apresentações musicais e as salas de apoio receberam as apresentações de dança e teatro dos(as) alunos(as).

O parque aquático do hotel (composto por duas piscinas) também foi um espaço intensamente frequentado pelos jovens atletas; porém, só era permitido frequentá-lo com a autorização do técnico (professor). Para a realização das partidas, o hotel contava com o ginásio de esportes (com capacidade para 3.500 pessoas) e duas quadras externas. Sem dúvida, esses espaços foram os mais frequentados pelos jovens durante o evento.

Em relação aos jogos, foram disputadas quatro modalidades de quadra (futsal, basquetebol, voleibol e handebol). Os jogos aconteceram na parte da manhã

e da tarde. As quatro modalidades oferecidas ocorriam simultaneamente em quadras que ficavam justapostas. Os alunos/jovens, durante os jogos, deixavam claro que, naquele momento, eram atletas. Assim, se comportavam como tal, sempre carregando os uniformes, tênis e acessórios esportivos de diversas cores e marcas. Vimos, também, que os times apresentavam sempre um grito de guerra ou algum ritual que os caracterizavam e os diferenciavam dos demais times na hora do jogo.

No segundo dia de evento, quando chegamos ao Sesc, identificamos imediatamente os dois times femininos que iriam jogar a primeira partida do dia. Ambas as equipes estavam uniformizadas com calças e agasalhos com o nome de sua escola, esperando o momento para se dirigirem a quadra. Todas as atletas foram andando e pareciam estar bem concentradas para a partida. Ao chegarem ao ginásio, as jovens atletas fizeram questão de manter sua vaidade e, apesar de estarem com o mesmo uniforme, elas possuíam seus acessórios particulares. Os tênis de todas elas eram de marcas esportivas famosas, porém, as cores e os detalhes eram sempre diferentes, como também, as borrachinhas de cabelo e as pulseiras. Para lembrarmos de Maffesoli (1996), ele diz que a estética social se organiza por meio da prevalência do sensível, da importância do ambiente e do espaço, da procura do estilo e da valorização do sentimento tribal (grupai). Ele continua afirmando que: “[...] valorizar as aparências é, de um lado, escrever as formas em jogo (estáticas), e é, do outro, apreciar suas articulações [...]” (MAFFESOLI, 1996, p. 127). É isso que, para o autor, pode caracterizar a cultura num dado momento.

A valorização da aparência faz com que cada indivíduo se sinta único dentro de um contexto mais geral. Isso não significa o prevailecimento do individualismo, mas sim uma apreciação das aparências em prol de um enriquecimento do grupo. Desse modo, o “eu” individual preserva sua singularidade, mas sempre procura articular sua escolha com o “nós” grupai. Maffesoli (2010, p. 198) chama de “proxemia” o momento que o indivíduo importa menos que o seu grupo e as experiências partilhadas por eles são baseadas pela estética e socialidade.

Durante o evento, observamos que a importância da aparência e das preocupações com o corpo estava diretamente ligada com o espaço (e o ambiente),

assim como a relação que cada grupo (tribo/equipe) estabeleceu com determinado espaço. Perguntamos para três alunas do colégio Estadual do Espírito Santo, após participarem de um jogo de vôlei, o porquê de elas jogarem com unhas pintadas, batons, brincos e maquiagem. Uma delas disse: *“Nós somos muito vaidosas. Demoramos duas horas para nos arrumar. Não deixamos a beleza de lado, a gente se cuida. Tem gente nos observando, ué”* (ALUNA F). Um aluno que participava do evento como jogador do time de basquete da escola Arnulpho Mattos (ALUNO A), quando perguntado sobre os acessórios esportivos de basquete que usava durante o momento dos jogos, respondeu: *“Eu, no dia a dia, não uso nada de basquete, não, só na hora do jogo mesmo”*. Ficou clara a importância que esses jovens dão a aparência e a preocupação em serem notados nos diferentes papéis que assumem e nas diversas atividades que realizavam no evento (seja como atleta, seja como produtor cultural ou como torcedor).

Ao ser perguntado sobre como era estar participando do evento e ficar hospedado no hotel durante uma semana, o aluno A respondeu: *“Bom isso, assim, acho muito legal isso que tão dando para a gente. A gente espera o ano todo para vir para cá. É muito bom”*. Jovens de diferentes escolas do Estado desejam participar desse momento, pois, para eles, é uma oportunidade ímpar de viajar, representar sua escola e conhecer outros jovens. Após notar os comportamentos dos jovens, percebemos, então, que o que faz esses alunos despertarem o desejo de participar do evento é, também, a oportunidade de ficar em um bom hotel fora da cidade, com os amigos, com piscina e área de lazer, realizando essas atividades de forma prazerosa e em grupo.

Outro aluno/atleta da escola Arnulpho Mattos, quando perguntado sobre o seu grau de competitividade no evento, respondeu: *“É importante estar com a galera, porque ano passado ficamos em segundo lugar e nem por isso o time ficou triste. Rimos e brincamos depois disso. Nem por isso ficamos tristes”* (ALUNO B). Em princípio, o objetivo de um evento esportivo, no qual há competição, é sair de lá vitorioso. Ou seja, a ação de competir em alguma modalidade se orienta para um fim que é se tornar o vencedor do evento (campeonato). Como exemplo, podemos citar os jogos Olímpicos, o maior evento esportivo do mundo. No entanto, no evento “Jogos na Rede e Cultura em Rede”, os alunos demonstraram que a finalidade de

sair de lá campeão não se mostra como o único fator. Notamos isso após observar o final das partidas.

Para Maffesoli (2010), ao ocorrerem relações neotribais na sociedade contemporânea, a ideia de progresso (preocupação com um fim ou com um projeto futuro) não se constitui como essencial. Ou seja, o aluno B ao dizer que ganhar o campeonato não é a coisa mais importante do evento, demonstra que a importância está mais em aproveitar o momento na sua plenitude. Maffesoli diz (2010, p. 164): “[...] as tribos das quais nos ocupamos podem ter um objetivo, uma finalidade, mas não é isso o essencial. O importante é a energia despendida para constituição do grupo como tal”. É o que o autor denomina de estar-junto, no sentido de curtir o momento na sua intensidade, com prazer.

Quando as partidas acabavam, os(as) alunos(as) vencedores comemoravam e os alunos(as) perdedores, ao invés de ficarem chateados com a derrota, se comportavam de maneira tranquila, rindo e brincando, como se nada tivesse acontecido. Um aluno da escola Renato José da Costa Pacheco, representando a equipe de futsal masculino, nos relatou: *“Primeiro é ganhar o campeonato, mas, se não der, é zuar com a galera. Isso é o principal”* (ALUNO C). Vemos que, para esse aluno, o principal é “zuar com a galera”. No entanto, esse mesmo aluno, após sua equipe perder o jogo de futsal para uma escola do interior do Estado do Espírito Santo, saiu do ginásio irritado e ficou discutindo em voz alta com seus colegas de equipe. Bassani, Torri e Vaz (2003) mostram que o esporte é um fenômeno que representou e ainda representa toda uma ideologia do sucesso, de autosuperação, de rejeição aos limites e do progresso do corpo, personificado pela imagem dos grandes atletas. Quatro horas após o término do jogo, vimos esse mesmo aluno brincando e rindo com os jovens de outras escolas à beira da quadra poliesportiva. Esse exemplo demonstra que esse aluno estava interessado em ganhar o torneio; no entanto, como isso não foi possível, ele se “contentou” em aproveitar o evento de outra maneira.

Concordamos com Maffesoli, quando o mesmo diz (2007, p. 99): “Toda ocasião é boa para viver, em grupo, esse perder-se a si dentro do outro [...]”. Assim, qualquer motivo, seja ele sentimental, seja estético, é suficiente para a formação das novas tribos que não necessariamente precisam de um motivo legítimo e racional

para se encontrar. Ou seja, (os)as jovens atletas no evento não precisam, necessariamente, vencer os jogos para partilhar momentos juntos; toda ocasião parece ser a ideal, até mesmo aquelas nas quais os jovens perdem seus jogos durante o evento. Eles não precisam, então, tornarem-se campeões do evento ou jogadores profissionais do esporte, mas aproveitar o presente momento na sua plenitude.

A Sedu e os organizadores do evento incentivavam o espírito de amizade e coleguismo entre os jovens. Esse discurso de incentivo à amizade e cooperação, desvinculado da ideia de competição e rivalidade, parece ser um importante componente em relação aos objetivos que a Sedu quer oportunizar ao jovem. A ideia é menos de utilizar o evento para garimpar atletas talentosos (e campeões) e mais de oportunizar, por meio das práticas corporais, da dança e peças teatrais, uma ideia de juventude cidadã, valorizando o coletivo e o trabalho em grupo. Isso ficou presente em todos os momentos durante as atividades esportivas e, também, as atividades culturais. A organização do evento espalhou diversos cartazes com três dizeres diferentes: “a maior vitória é ter amigos”, “amizade em primeiro lugar” e “aqui todos são campeões”.

Estamos enxergando esse evento como um espaço institucionalizado no qual ocorrem experiências estéticas e solidárias. Como bem ressalta Maffesoli (1996), o período moderno tentou separar e reduzir os espaços e tempos (por exemplo, em festas e museus), onde exclusivamente poderiam ocorrer relações estéticas, de amizade e de estar-junto à toa. Hoje, parece que o processo inverso está ocorrendo. O que o autor chama de “reencantamento do mundo” é o momento no qual a sociedade, de forma coletiva, se volta para as experiências estéticas e solidárias, independentemente do ambiente em que isso possa ocorrer. Assim,

[...] além das grandes maquinarias institucionais, além das macroestruturas racionais e mecânicas, haveria o que alguns lógicos da linguagem chamam de ‘relações interlocutivas’. Essas podendo ser, aliás, verbais, das conversas eruditas as do bar, ou não verbais: todas essas situações cotidianas, posturas, hábitos, técnicas do corpo, que constituem a matriz social (MAFFESOLI, 1996, p. 107).

Podemos pensar o evento (organizado pelo Estado) e o hotel Sesc (pertencente a um grupo de empresários do comércio) como uma “macroestrutura

racional”, já que, nesse evento, havia uma organização do tempo e do espaço das atividades esportivas e culturais as quais os jovens tinham que se adequar. Esse evento pode ser visto como uma tentativa dessa grande “macroestrutura” (o Estado e o Sesc) de domesticar e civilizar as socialidades que explodem no seio da juventude? O espaço das quadras esportivas e do hotel presenciou não só momentos pautados pelas regras, organização, competições e os jogos, mas, também, foi espaço de intensas relações de amizade, coleguismo e troca de experiências entre as diferentes equipes e jovens. O próprio incentivo dos organizadores mostra isso, como percebido nos cartazes espalhados. Apontamos, então, uma possível contradição: o espaço institucionalizado do evento acabou abrigoando, também, relações pautadas pelo neotribalismo e pela socialidade.

Após jogarem (saindo vitoriosos ou não), os jovens se despiam das máscaras de atletas e, em sua maioria, tornavam-se torcedores, passando a torcer por alguma escola ou modalidade de que eles gostavam mais. Para Maffesoli (2003, p. 117), a máscara é “[...] como alto falante de um discurso que ultrapassa o indivíduo que o pronuncia. A máscara permitindo a expressão de um ‘isto desconhecido’ [...]”. Quando o período de jogos se encerrava (no começo da noite), os jovens tinham a sua disposição os eventos de cultura que aconteciam nas salas de apoio e/ou no auditório.

No terceiro dia do evento, foi realizado, à noite, o show de talentos, que contou com 27 apresentações artísticas de jovens das mais diferentes escolas do Estado, incluindo danças (balé, axé, funk e dança de rua), grupos musicais (de rock, samba, MPB, sertanejo) e leitura de poema. No quarto dia, os alunos tiveram um show de encerramento, no ginásio principal, com uma banda de rock contratada que tocou sucessos do rock nacional e internacional. Novamente, percebeu-se uma mudança de papel. O jovem que, no mesmo dia, tinha vestido a máscara de atleta e torcedor, agora se apresentava com outros papéis. Alguns jovens eram produtores de ações culturais, como pintores, artistas em peças de teatros, dançarinos e/ou músicos. Ainda citando Maffesoli (2003, p. 118):

A pessoa, em contrapartida não é senão uma máscara (persona); pontual, representa o seu papel, sem dúvida tributária de um conjunto, mas do qual poderá, amanhã, escapar para expressar e assumir outra figura [...].

Até que ponto o jovem percebe isso? Nessa perspectiva, é valorizado o sentimento de pertença, mesmo que muitas vezes as relações apareçam de forma mascarada e anômica. A respeito dos diferentes papéis e máscaras, Maffesoli (2005, p. 17) continua a dizer que “[...] o sucesso da tatuagem, do piercing, assim como aquele de Harry Potter ou do Senhor dos Anéis não deixa de invalidar o julgamento de valor e a análise moralizadora. Esses fatos, portanto, constituem a nova cultura juvenil em gestação”.

Não importa se esse indivíduo irá consumir ou usar suas máscaras com alguma finalidade; a importância de estar-junto com outros, vivenciando o presente e compartilhando um forte sentimento em comum, é o que rege esses jovens atualmente. Seria, “[...] uma forma comunitária onde cada um não procura mais sua singularidade, mas se dedica, concretamente, a ser apenas um com o objeto que lhe ou ao qual pertence” (MAFFESOLI, 2005, p. 23). A ideia aqui é demonstrar que o jovem pertence a diferentes grupos e com distintos papéis em cada um deles.

Maffesoli (1996) acredita que as neotribos são constituídas na busca pelo segredo, pelo fechamento e pela uniformidade de vestimentas e modos de vida. Ele continua dizendo: “[...] as pessoas (persona) que as constituem por sua vez, circulam de um grupo a outro, a fim de exercer a pluralidade de suas máscaras” (1996, p. 241). Dialogando com o campo, podemos afirmar que cada equipe que foi representando sua escola pode ser considerada como uma neotribo, se pensarmos que, dentro da mesma equipe, existiam segredos (mesmo que esses sejam referentes ao jogo e a táticas). A uniformidade de suas vestimentas também foi apresentada nos momentos que envolveram a partida (os uniformes de cada equipe). No entanto, os alunos/atletas que constituem essa equipe (neotribo) circulavam durante o evento usufruindo de diferentes máscaras e papéis. Por exemplo, os meninos que representaram a equipe de basquetebol da escola Arnulpho Mattos foram para o evento já com seu grupo (time) formado durante o ano, por meio de treinamentos e pela vivência na escola. Antes das partidas, eles andavam juntos com uniformes e agasalhos da equipe; durante os jogos, realizavam movimentos e jogadas que só eles sabiam e tinham combinado em grupo anteriormente. No entanto, após os jogos e, principalmente, durante os eventos

culturais à noite, os jovens tiravam suas roupas largas e os tênis de basquete, apresentando-se cada um com suas roupas singulares, circulando no hotel por diferentes grupos.

Esses são os jovens contemporâneos que desempenham múltiplos papéis e pertencem a vários grupos dentro da sociedade. Ou seja, aquele único jovem que faz parte de um determinado grupo específico pelo gosto musical, faz também parte de outro grupo específico pela semelhança na realização de práticas corporais e de outro grupo dentro do contexto escolar. Assim, em cada um desses ambientes, o jovem veste uma máscara e partilha um sentimento comum de pertença e de “estar-junto”. Para Maffesoli, essa miscelânea é vista de forma positiva e ele parece não se preocupar muito com as implicações que dela podem surgir.

Nos momentos em que não estavam reunidos, os alunos (as pessoas) que constituíam a equipe (grupo/tribo) se dispersavam dentro do evento e, de forma cambiante, colocavam roupas diferentes, acessórios que os faziam muitas vezes se perder na multidão e/ou adentrar em outros grupos. O aluno S, da escola Arnulpho Mattos, também representando a equipe de basquetebol masculino, disse: *“Bom, ainda não tive a oportunidade de conhecer muita gente, mas os meninos do time conseguem conversar mais fácil com o pessoal e já fizeram amizade com o pessoal do pagode e de outras escolas”*. Isso, de fato, ajuda na compreensão de que os jovens ali, no evento, lançavam mão da pluralidade de suas máscaras.

Para Maffesoli (1996), a socialidade atual é tomada de intensas relações em que circulam as aparências, as diferentes personalidades e as múltiplas culturas. O autor afirma que esses aspectos são mais vistos em ocasiões como o carnaval, atividades festivas e musicais, quando é deixado de lado um social dominado pela simples racionalidade. No caso, vimos esses aspectos em um evento voltado para o público jovem.

Os jovens usufruem do evento para além dos interesses puramente técnicos e esportivos. A maneira que eles relatam suas experiências naquele espaço e o seu comportamento demonstram que o objetivo em estar ali vivenciando uma prática corporal tem influências subjetivas, que dizem respeito a questões referentes à imagem, a socialidade, ao corpo e, principalmente, ao encontro com outros pares que “falam a mesma língua” e possuem os mesmos interesses que eles.

Nesse evento, fazer parte de uma equipe de futsal, saber jogar basquete, ter habilidades para marcar gols no handebol parece não ter um fim em si mesmo, ou pelo menos, na conquista de medalhas ou de vitórias. Possuir todas essas características atléticas e esportivas, ou não ser tão talentoso, mas fazer parte de uma equipe parece ser algo que gera um *status* a esses jovens. Eles querem ser vistos e usam as práticas corporais, também, como ferramenta de aproximação e de entrosamento com outros jovens.

Talvez Maffesoli esteja certo. Quiçá as práticas corporais e/ou os eventos esportivos sejam grandes celeiros de afetividades e troca de experiências não-rationais, no sentido de estar-junto. O que Maffesoli chama de máscara, talvez não seja necessariamente uma máscara, pois ela esconde. O que esses jovens fizeram durante o evento foi se revelarem, mostrarem quem são e como gostam de se comportar. Usaram o espaço do evento esportivo para fazer isso. Não lançaram mão de máscaras, mas sim de suas faces, de seus verdadeiros “eus”, que muitas vezes são negligenciados em sala de aula.

Essas afirmações e reflexões sugerem uma luz no fim do túnel. Uma fuga ao mundo racionalizado e utilitário que vivemos. Um entendimento de que na sociedade competitiva, ganhar nem sempre significa ser o melhor ou ter o melhor. Essa perspectiva demonstra que, por meio das práticas corporais, os jovens estão juntando suas neotribos (seu grupos), lançando mão de suas máscaras (ou faces), vivendo seus momentos juntos, aproveitando o evento para se expressarem e serem protagonistas de suas próprias ações.

Ora, se lembramos de Carvalho (2006), poderíamos constatar que, para os jovens que participaram do evento, as práticas corporais se constituem como “modos de viver” e dizem respeito às gestualidades, vestuários, movimentos e expressões corporais na sociedade hodierna, sempre impregnada em diversos grupos juvenis. Os jovens no contemporâneo se reconhecem nas práticas corporais e se identificam com elas por meio das gírias, vestuários e formação de grupos. Não há como pensar a juventude hoje desvinculada desse fenômeno.

5 (IN)CONCLUSÃO

A tentativa foi a de aproximar a sociologia de Maffesoli (e o seu entendimento da sociedade contemporânea) com o cotidiano de um evento esportivo/cultural juvenil e com a relação que os jovens estudantes de quatro escolas de ensino médio da cidade de Vitória tecem com as práticas corporais. De fato, percebeu-se que alguns pensamentos do sociólogo foram vistos na prática. A preocupação com o presente, o sentimento de pertença a um determinado grupo (tribo), o estar-junto e a fluidez das relações e dos papéis foram aspectos observados no campo do evento “Jogos na Rede e Cultura em Rede”.

Acreditamos que uma pergunta é sintomática e deve ser feita: qual o impacto desse programa/evento no cotidiano das aulas de Educação Física dos jovens? Apesar de considerar importantes as reflexões feitas à luz do que Maffesoli pensa ser a sociedade contemporânea, não podemos creditar que essas características (estar-junto, neotribalismo, sentimentos coletivos, máscaras) sejam os principais impactos no cotidiano das aulas dos jovens. Acreditamos que, para falar dos impactos desse evento no cotidiano, é necessário que se realize um estudo de caso aprofundado em uma escola. No entanto, algumas considerações prévias sobre a pergunta feita acima podem ser colocadas a título de (in)conclusão.

Defenderemos a hipótese de que o impacto que o evento “Jogos na Rede e Cultura em Rede” tem para o cotidiano das aulas pode ter um caráter duplamente negativo. O primeiro deles parece estar ligado ao fato de que nem todos os jovens têm a oportunidade de participar desse programa/evento. Basta lembrarmos que, das treze escolas, apenas quatro escolas da capital Vitória participaram do evento final. A maioria dos participantes (no caso do evento analisado) possui algum talento esportivo. Imaginemos uma sala com 40 jovens.

Desses, suponhamos, com sorte, que 15 façam parte de equipes da escola (5 do vôlei, 5 do basquetebol e 5 do futsal) e os outros 25 não façam parte, utilizando as práticas corporais e os momentos das aulas apenas como aprendizado e lazer. O primeiro grupo, composto pelos 15 jovens “atletas” poderão enxergar os espaços das aulas como um momento bom para treinamento e preparação para os jogos. Já o segundo grupo, composto pelos outros 25 alunos(as) podem se desestimular, pois, se não fazem parte da equipe da escola, podem querer utilizar os momentos das

aulas para ficarem juntos de outros colegas e realizar outras atividades que não estejam ligadas as práticas corporais competitivas.

Logicamente, descrevemos, acima, um fato hipotético, mas que pode acontecer caso professores não se preocupem em fazer uma conexão entre as práticas corporais realizadas nas aulas e aquelas ofertadas por meio do programa/evento. Como visto, o objetivo do CBC, com o programa “Esporte na escola”, era desenvolver as atividades esportivas em todas as escolas de ensino médio da rede estadual a fim de contribuir para a formação dos alunos, tornando a escola mais atrativa e redimensionando o processo de ensino/aprendizagem com o intuito de aumentar a demanda de atividades relacionadas com a Educação Física escolar. Seria a disciplina de Educação Física responsável por apresentar os conteúdos do programa no contexto do cotidiano dos alunos na escola? Como esses conteúdos e os esportes realizados no evento são vividos pelos alunos durante o ano letivo?

No começo do século XXI, a revista Movimento realizou um debate sobre o esporte escolar e o esporte de rendimento. Nesse debate, diversos autores importantes da área contribuíram com seu pensamento acerca do assunto. Dentre eles, destacamos Valter Bracht, Marco Paulo Stigger e Alexandre Vaz. É relevante, a guisa de conclusão, citar a discussão que envolve o esporte “da” escola e o esporte “na” escola. Por esporte “da” escola entende-se o esporte trabalhado no processo de escolarização com um trato pedagógico a esse fenômeno. Já o esporte “na” escola se apresenta como uma reprodução do esporte de rendimento realizado em outros espaços.

Poderemos pensar que, se os esportes que são praticados no evento “Jogos na Rede” forem trabalhados dentro das aulas de Educação Física na forma reprodutiva com o intuito de preparação para os jogos, essas práticas corporais poderão ser classificadas como práticas corporais “na” escola. Isso poderá fazer com que a maioria dos alunos(as) se desinteressem por esse saber. Todavia, se esses conteúdos forem trabalhados durante o ano letivo, nas aulas de Educação Física, incorporados há um processo de escolarização, considerando as práticas corporais como um fenômeno sociocultural construído historicamente e depositando um trato pedagógico a essas práticas, poderemos considerar essas práticas

corporais como sendo “da” escola. Nesse sentido, os jovens poderão se interessar pelo aprender, já que esse saber “da” escola fará sentido para sua realidade.

Acreditamos que os conteúdos trabalhados no programa/evento devam ser tratados durante o ano letivo nas aulas, considerando as práticas corporais e culturais como “da” escola. Assim, os outros tantos jovens das escolas que não tem habilidades esportivas/artísticas para participar do programa/evento poderão vivenciar essas práticas no cotidiano das aulas: seja experimentando relações de afetividade e identificação, para além das práticas corporais e/ou dialogando esse saber com a sua realidade cotidiana.

GABRIEL CARVALHO BUNGENSTAB

Doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

FELIPE QUINTÃO DE ALMEIDA

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

REFERÊNCIAS

BASSANI, J. J; TORRI, D; VAZ, A, F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. *Movimento*, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, mai./ago. 2003. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2811>>. Acesso em: 05 dez. 2012.

CACHORRO, G. A. et al. La ciudad, los jovenes y el campo de las practicas corporales. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 31, n. 3, p. 43-58, mai. 2010. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/923/526>>. Acesso em: 22 set. 2012.

CARVALHO, Y. M. Promoção da saúde, práticas corporais e atenção básica. *Revista Brasileira de Saúde da Família*, Brasília, v. 2, n. 7, p. 33-45, 2006.

DAYRELL, J.; LEÃO, G.; REIS, J. Juventude, pobreza e ações socioeducativas no Brasil. In: SPOSITO, M. P. (org.). *Espaços públicos e tempos juvenis*. São Paulo: Global, 2007, p. 47-82.

ESPÍRITO SANTO. Secretaria da Educação. *Currículo Básico Comum (CBC) da escola estadual*. Espírito Santo: SEDU, 2009. Disponível em:

<http://www.educacao.es.gov.br/download/SEDU_Curriculo_Basico_Escola_EstaduaI.pdf> . Acesso em: 15 jan. 2012.

LAVILLE, C; DIONNE, J. *A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, 344 p.

MAFFESOLI, M. *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996, 309 p.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. São Paulo: Zouk, 2003, 200 p.

_____. Perspectivas tribais ou a mudança de paradigma social. *Revista Famecos mídia, cultura e tecnologia*, Porto Alegre, v. 1, n. 23, p. 23-29, abril, 2004.

_____. Cultura e comunicação juvenis. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo. n. 4, p. 11-27, jul. 2005. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/48/48>>. Acesso em: 12 maio 2014.

_____. Pós-Moderno: da identidade às identificações. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 43, n. 01, p. 97-102, jan./abril. 2007.

_____. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010, 320 p.